



LEITE, Ana Mafalda. **Cânone e considerações em torno de Histórias da Literatura.** *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.* Volume 11, Julho 2012. [<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>]

## **CÂNONE E CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE HISTÓRIAS DA LITERATURA**

Ana Mafalda Leite<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Visa este artigo colocar alguns elementos em discussão relativamente à concepção e construção de uma história da literatura, no âmbito dos estudos literários africanos de língua portuguesa. Pensamos que algumas das questões colocadas nos casos específicos da literatura moçambicana e da angolana poderão servir de ponto de partida para esta reflexão, que não pretende ser nem abrangente nem tão pouco conclusiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** cânone, história literária; estudos literários africanos

### **ABSTRACT**

This article aims to put some elements in the discussion concerning the design and construction of a literary history, literary studies within the Portuguese-speaking African. We think that some of the questions in the specific cases of the Mozambican and Angolan literature can serve as a starting point for this reflection, which is not intended to be neither comprehensive nor conclusive.

**KAYWORDS:** canon, literary history; African Literary Studies

The fact of being biologically or culturally African neither guarantees nor necessarily permits any sort of purely “african” reading in a relation of total oneness with its text or with Africa itself (Christopher Mille<sup>2</sup>)

---

1. Doutora, Universidade de Lisboa [anamafaldaleite@gmail.com]

2. MILLER, Christopher. “Theories of Africans: The question of Literary Anthropology”. *Critical Inquiry* 13, nº1 (Autumn 1986), p.20. A seguir, a tradução da epígrafe deste artigo: “O fato de ser biologicamente ou culturalmente africano não garante nem necessariamente permite qualquer tipo da leitura “puramente africana” em uma relação de unicidade total com o seu texto ou com a própria África”.

Embora não esteja ainda feita uma história da literatura moçambicana ou angolana, fato que venho referindo faz vários anos (LEITE, 2003), a crítica e a academia, ou a instituição literária (universidade, programas, prêmios literários, teses, estudos críticos, programas editoriais, antologias, livros críticos, recepção em geral) tendem ao longo dos últimos trinta anos a privilegiar determinados cânones, formados por critérios mais ou menos explícitos de inclusão ou exclusão de épocas, de obras, de autores, de acordo com diversos parâmetros, ora formais, ora temáticos, ora históricos, que subjazem, na maioria dos casos, a fatores ideológicos e teóricos, subjacentes à leitura, escolha, recepção ou, em termos mais gerais, ao cânone crítico.

Esses critérios, ainda em fase de discussão tanto na literatura angolana como na moçambicana, embora com algumas diferencialidades, orientam tanto a crítica endógena, feita por moçambicanos e angolanos, como a exógena, feita por estudiosos estrangeiros, desde portugueses a brasileiros, ingleses ou outros.

Vai procurar este texto refletir sobre tais parâmetros, conducentes à canonicidade ou não canonicidade de textos, autores e épocas que, por seu turno, tornam viável a inclusão ou exclusão de épocas, de obras e de autores nas diferentes literaturas africanas de língua portuguesa. Para tal, será feito um caminho de questionamento de vários conceitos, bem como uma breve revisão das dominantes dos critérios teórico-críticos, usados nas últimas décadas para tratamento da textualidade africana.

### **A Formação de um Cânone Crítico**

As questões levantadas pelas especificidades das literaturas pós-coloniais – entre as quais incluímos as literaturas africanas de língua portuguesa, formadas por um complexo de trocas entre várias tradições, raízes étnicas e diversidade cultural – questionam o discurso crítico e teórico desenvolvido pelo Ocidente, que se constitui como um instrumento de dominação (e de construção discursiva). Assim, a abertura do cânone crítico implica a concepção das transferências culturais não apenas no sentido do centro para a periferia, mas em um complexo multidirecional, ao considerarmos os repertórios (de autores e de obras) das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa em fase de formação e de afirmação.

Saliente-se, contudo, que cada cânone crítico mantém certa estabilidade, mesmo que relativamente transitória, apresentando-se sempre como algo definitivo, como uma coleção “completa” de obras, uma seleção de “clássicos” entre o *corpus* totalizante de uma literatura. Deste modo, o cânone crítico vigente estabelece normas, em vários sentidos, para a nossa compreensão do conceito de literatura. Este cânone vigente institucionaliza-se através das antologias, dos programas de ensino e da sua divulgação periódica patrocinada.

O cânone literário, no seu sentido mais amplo, compreende o *corpus* escrito, na sua totalidade, juntamente com a literatura oral. Mas grande parte deste cânone potencial permanece inacessível, já que está confinado a grandes bibliotecas e à memória; o que há, pois, é um *cânone acessível*, mais limitado e muito mais reduzido, que a recepção institucionaliza através do cânone crítico. Tais seleções correspondem assim ao *cânone crítico*, surpreendentemente reduzido, com áreas de interesse muito marcadas e restritas. Contudo, mau grado as limitações, o cânone tanto pode exercer uma influência positiva fundamental, conseguida através da interação de diferentes gerações de leitores, o que lhe dá uma imagem de integridade, como pode ser orientado por representações ideológicas excludentes da diversidade.

### **Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Literaturas Nacionais**

A última década do século XX e a primeira do XXI trouxeram um gradual e rápido crescimento da área de estudo das Literaturas Africanas, um pouco por todo o mundo, nomeadamente nos departamentos em que se ensina português.

Não só foram criados novos postos de ensino dedicados à área, como se realizaram múltiplas teses de Mestrado e de Doutoramento, muitas delas online no Brasil, e ainda um trabalho diversificado de tradução de autores africanos, que permitiram também a inclusão destas obras nos departamentos de Literaturas Comparadas. Desenvolveram-se também congressos anuais sobre a matéria em vários países europeus, anglo-saxões e latino-americanos.

O interesse pelas Literaturas Africanas tem, no entanto, a partir do início de 2000, conhecido um particular entrosamento com os estudos culturais, estudos interartes e pós-coloniais, nomeadamente em Inglaterra, Estados Unidos e países de língua inglesa, bem como em Portugal. Tal fato, acompanhado da gradual crise das áreas de ciências humanas, que decorre também desde essa época, tem levado a que muita da bibliografia produzida em obras conjuntas ou singulares, resultantes de congressos, colóquios ou revistas, incida em focos teóricos multidisciplinares que, por vezes, utilizam a literatura apenas como pretexto para reflexão teórica e se afastam da singularidade dos estudos literários africanos de língua portuguesa.

No entanto, não se realizaram ainda as necessárias histórias da literatura, bem como a criação renovada de instrumentos antológicos e críticos, fundamentais para o enquadramento histórico destas áreas literárias. O projeto de realização de uma História da Literatura Angolana, concebido em boa hora por Boaventura Cardoso, em Angola, não chegou, infelizmente, a concluir-se, mas deixou a preocupação persistente em vários dos seus colaboradores, entre os quais a signatária deste texto. O espaço de discussão, embora deslocado, levou, recentemente, à edição de uma obra do CES, em que

participaram alguns dos elementos desse grupo, entre eles Laura Padilha, que fomentou a continuação da discussão de um cânone crítico para a literatura angolana (*Lendo Angola*, 2008). Nesta medida, as contribuições de Ana Paula Tavares e de Luandino Vieira surgem naquele volume como contributos fundamentais para a reflexão sobre o cânone da história literária angolana.

Além desse, o primeiro volume deste conjunto de ensaios sobre Literaturas Nacionais, *Moçambique: das palavras escritas* (2008), incluiu vários artigos que, na mesma óptica, questionavam o cânone crítico da literatura moçambicana, como aliás se denota no título da nota introdutória de abertura das organizadoras do volume, Paula Meneses e Margarida Calafate Ribeiro: “Cartografias Literárias Incertas”. Salientamos, entre outros, nomeadamente nessa reflexão das “incertezas”, os textos de Fátima Mendonça, Francisco Noa e Ana Mafalda Leite, que problematizam vários elementos relativos à constituição do cânone de uma história literária moçambicana.

Ainda que vivendo numa época em que o conceito de nação começa cada vez mais a ser colocado em causa e que estudos transnacionais como, por exemplo, o de Paul Gilroy sobre o Atlântico Negro, tenham muito sentido e sejam fonte de enriquecimento comparado, julgo ser necessário haver uma base de contextualização histórico-literária singular, para cada uma destas literaturas, a fim de que se possa proceder seriamente a estudos comparados mais amplos.

### **Breve Historial das tendências teóricas nos estudos literários africanos: das retóricas da indigenização aos estudos pós-coloniais**

A crítica literária africana tanto anglófona como francófona – e, de forma diferente, a crítica africana de língua portuguesa, seguindo de forma singular alguns destes rumos, embora surgindo mais tardiamente por razões de ordem histórica – orientou-se, quase até ao final do século XX, por princípios que podemos designar por afrocentristas, em que as ideias de nativização e de diferença fundamentaram o “programa” de reconhecimento da “africanidade” nos textos literários.

Há, por assim dizer, um cruzamento entre a ideologia e o pensamento crítico, aliando-se a dimensão nacionalista a uma postura tradicionalista que promoveram o cancionero popular, a oralidade, a ruralidade. Segundo o crítico nigeriano Emmanuel Obiechina citado em nossas referências bibliográficas, esta postura crítica é fundamentada em uma “retórica da indigenização”. Semelhante procedimento crítico engloba três dimensões fundamentais: temática, formal e linguística.

A primeira fundamenta-se em uma estética da africanidade, que recupera como princípio ordenador a tradição pré-colonial de contadores, poetas e atores da oralidade, mitificando uma estética coletiva e populista, colocando em causa a individualidade do artista e sua subjetividade. Situa-se aqui a geração da Negritude e as primeiras produções pós-independência, o grupo nigeriano *Bolekaja* e crí-

ticos variadíssimos, de Janheinz Jahn (*Muntu*, 1958) a Mohamadou Kane (*Roman Africain et Tradition*, 1982), apesar do sempre valioso interesse destes trabalhos.

O mito essencialista de uma originalidade africana, alicerçado nos modelos tradicionais da cultura africana, além de ser uma visão maniqueísta da seleção do cânone literário e crítico, não controla a singularidade das múltiplas e diferentes culturas locais africanas. Nourdiéimi Tidjani-Serpos, no seu ensaio *Aspects de la Critique Africaine*, aponta para o perigo da guetização da crítica literária africana:

En effet puisqu'il faut avoir vécu sous le signe des mêmes ancêtres pour être un bon critique, il est évident que nous aboutissons rapidement au micro-nationalisme, mieux à une critique étno-régionaliste, consacrant les micro-nationalismes politiques  
(TIDJANI-SERPOS, 1987, 21)

Na sequência desta preocupação temática dominante, outras adjacentes, como a recuperação de passados pré-coloniais, a exaltação de ancestralidades perdidas, a par de um cantalutismo resultante das independências conquistadas, em especial nas literaturas africanas de língua portuguesa. Por outro lado, a forte conexão entre literatura e ideologia levou ainda à exarcebção da dimensão realista e à exclusão de retóricas outras que não ideologicamente empenhadas, isto pese, embora, as boas intenções dos críticos e a importância dos seus trabalhos fundadores.

A segunda dimensão da retórica indigenista é formal, propõe interpretações mais ou menos idealistas das formas tradicionais do teatro, da poesia e da ficção, em que se fundamentam as obras modernas africanas contemporâneas. Veja-se, por exemplo, a interpretação de Soyinka sobre a tragédia africana a partir dos rituais yoruba. Ou a concepção dos diversos tipos de narração que recuperam modos de gêneros orais.

A preocupação da terceira dimensão da retórica indigenista tem a ver com o nativismo linguístico, enquanto invenção de meios que permitam o crescimento de artefatos literários nas línguas nacionais. Para Ngugi Wa Thiong'o, as línguas africanas são depositárias de histórias étnicas e nacionais e as formas narrativas, o léxico, o aparato retórico, a sintaxe, são modulados na história da comunidade linguística.

Outra postura que podemos designar como eurocentrista consiste na necessidade de os críticos não africanos buscarem a alteridade do texto africano, considerando o modelo realista como o adequado à narrativa e demarcando a originalidade africana relativamente ao cânone ocidental, através de um reportório de formas e de uma visão antropologizante herdada do século XIX. No fundo, esta necessidade da “diferença” leva semelhante empenhamento crítico a resultados que o aproximam, em

uma visão global, por caminhos diversos, das posturas do trajeto afrocentrista que, por seu turno, herdou, ainda que de forma indireta, uma parte significativa dos estudos antropológicos do ocidente.

Estas duas linhas de força nos estudos críticos africanos, embora diferentes de autor para autor e de país para país, aglutinam vários e diferentes períodos do século XX. No entanto, já na década de noventa desse mesmo século, muitos estudos críticos, resultantes na maioria dos casos da academia, começam a tratar o texto literário africano utilizando categorias e conceitos da teoria literária, sem necessariamente colocarem a questão da alteridade do texto africano ou procurando adequar utensílios teóricos provenientes da antropologia ou outras ciências auxiliares sem cair em posições extremadas. Enquadram-se nesta perspectiva, estudos de carácter marxista, sociológico, estudos de gênero, ultrapassando o discurso pan-africano, o militante, o discurso nativista e o eurocentrista.

Alguns dos resultados teóricos dos estudos culturais e pós-coloniais, também já muito diversificados, serviram também para uma articulação mais equilibrada de conceitos e atitudes críticas no que respeita aos estudos literários africanos. Assim, notamos um desenvolvimento diversificado das posturas e teorias críticas, um útil desenvolvimento reflexivo de tópicos pós-coloniais ligados à revisão da crítica sobre o colonialismo e sua história, elementos que contribuíram para a diversificação da instrumentação teórica, cruzando áreas como a antropologia, a história, a sociologia, os estudos feministas e psicanalíticos, e outras variadas, como a teoria “queer”. Enfim, são variadíssimos os tópicos que têm a ver com a noção de fronteira, globalização, transnacionalidade, etc – no fundo, prefigurando as diferentes vias de pesquisa, em que nos últimos trinta anos os estudos pós-coloniais se têm ramificado e expandido.

Tais novas posturas críticas, plurais, já menos centradas em dualismos ou visões críticas extremadas, vêm de par com um novo tipo de escritor africano, em que a dimensão nacionalista se transforma. Há muitos escritores africanos das novas gerações que já não partilham de posições temáticas essencialistas, experimentando a pluralidade das escolhas formais. Muitos deles, por razões profissionais ou outras, escrevem fora dos seus países, em processos de diáspora, convocando partilhas de diversa ordem, linguística, formal, temática; assumindo posições críticas perante alguns dos seus regimes, ditatoriais e opressivos, criando deste modo novas etnopaisagens (Appadurai, obra citada em nossas referências) nas suas escritas. Questões ligadas à globalização, ao genocídio, a guerras civis, à imigração, à violência sexual, as diferenças de gênero, ao cosmopolitanismo e às narrativas de viagem percorrem as publicações africanas do século XXI.

## Outras e Diferentes Narrativas das Histórias Literárias

Este novo quadro que se desenha no âmbito dos estudos literários africanos vai, de certo, permitir questionar algumas das posições mais ou menos essencialistas e “supostamente” canônicas da recepção, que tende a excluir, em antologias, programas e estudos críticos, autores de fronteira e épocas de fundação, criando-se com os novos instrumentos críticos diferentes reflexões e narrativas de história literária mais amplas e inclusivas. Critérios como local de nascimento, temas, repertórios de formas nativizantes, língua, posturas nacionalistas ou proto-nacionalistas, não poderão ser de agora em diante critérios únicos, adequados à integração ou não de obra, autor, época ou geração, em um sistema literário.

Uma literatura africana não se pode reger apenas por um critério linguístico, deve aceitar as diferentes línguas de escrita, caso elas existam, embora possa haver uma dominante. Parece-nos que se deve estudar e enquadrar a literatura colonial, como elemento histórico e dialeticamente antagônico, contributor também para a formação do sistema literário nacional. Deve ainda legitimar as épocas de formação e de surgimento das primeiras manifestações literárias (Antonio Candido, obra citada em nossas referências), provenientes da história ou de relatos de viagem e não permitir uma visão unilateral e apenas nacionalista, que celebra ou o épico gesto guerreiro da libertação, ou a gesta da contestação. Deve também incluir na sua arqueologia fundacional, a par do Cancioneiro oral, patrimônio inestimável, os diferentes contributos exógenos que tratam, por escrito, do espaço territorial, que viria a constituir-se, *a posteriori*, estado-nação.

**Artigo recebido: 30/08/2011**

**Artigo aceito: 13/12/2011**

### Referências Bibliográficas:

AAVV. *Littératures africaines et territoires*. Paris: Karthala, 2011.

APPADURAI, Arjun. *Dimensões culturais da globalização*. Lisboa: Teorema, 2004.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1981.

IRELE, Abiola. (org). *The Cambridge companion to the african novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

MILLER, Christopher. “Theories of Africans: The Question of Literary Anthropology” . In: *Critical inquiry* 13, nº1, p. 20.

NDIAYE, Christiane (org). *Introduction aux literatures francophones*. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal, 2004.

OBIECHINA, Emmanuel. "Narrative Proverbs in the African Novel". *Research in African Literatures*, vol.24, n°4, Winter, 1993, pp.123-40.

RIBEIRO, Margarida Calafate e MENESES, Maria Paula (orgs). *Moçambique: das palavras escritas*. Porto: Afrontamento, 2008.

RIBEIRO, Margarida Calafate. "Um Desafio a Partir do Sul: uma história de literatura outra". In: RIBEIRO, Margarida Calafate e PADILHA, Laura. *Lendo Angola*. Porto: Afrontamento, 2008. pp.177-191.

TAVARES, Ana Paula. "Contar Histórias". In: RIBEIRO, Margarida Calafate e PADILHA, Laura. *Lendo Angola*. Porto: Afrontamento, 2008. pp.39-50.

VIEIRA, Luandino. "A Escrita Literária de um contador Africano". In: RIBEIRO, Margarida Calafate e PADILHA, Laura. *Lendo Angola*. Porto: Afrontamento, 2008, pp.17-25.